

Da condição feminina à feminização da moral humana em Marciano Vidal

Isaias Mendes Barbosa*

RESUMO: A presente comunicação trata do *feminino* na moral ou ética teológica marciana como questão capital para a Contemporaneidade. Além de uma relação com a concepção de gênero/sexo, ele se destaca como elemento significativo da condição feminina. Todavia, se na história o *ethos feminino* sofreu a manipulação de uma sociedade pré-científica e até científica, no discurso ético tal *ethos* foi reduzido a posturas setoriais-extremistas de algumas correntes femininas e feministas. Numa exposição crítico-reflexiva sobre tais eventos o Teólogo Marciano Vidal (1937-), na obra *Feminismo y ética: como feminizar a moral* (2005), explana as bases preparatórias de uma nova ética feminina ou feminista. Seguindo a metodologia reflexivo-expositiva da referida obra, adjunto a obras e artigos complementares, a presente comunicação apresenta: i) os pressupostos fundamentais para a condição feminina, ii) a manipulação biológica da mulher na história da ética, iii) a utilização do *ethos manipulado* e convencionado por lideranças e ideologias de expressão social, e iv) a feminização da moral e seus efeitos na teologia. Para Marciano Vidal a feminização da moral passa pelo pressuposto da pessoalidade e da relação de gênero masculino/feminino. Nesse caminho o feminino assume relevância relacional aos direitos humanos e efeito universal na moral humana.

PALAVRAS-CHAVE: Condição Feminina. Manipulação. Feminização. Moral Humana.

* Graduado em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará (UECE), discente do curso de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Estudante da Instituição Congregação do Santíssimo Redentor. E-mail: isaiasredentorista@hotmail.com.

Introdução

A história da condição genérica humana é marcada por uma relação desequilibrada e desigual entre o masculino e o feminino. Uma manipulação e transposição do aspecto biológico humano para o seu *ethos* genérico sociocultural promoveu, na história ocidental, uma ética predominantemente patriarcal e androcêntrica. Nesse sentido a condição feminina, o *ethos feminino*, ficou ora esquecido e menosprezado na história, ora reprimido e relegado a condição inferior e até subordinada ao *ethos masculino*. Tal compreensão perpassou a nossa história até o século XVII com os primeiros passos ideários da revolução francesa. A partir de então os primeiros movimentos feministas emergiram, nos diversos cantos do mundo, com uma consciência crítica acerca da opressão da mulher na história e da busca revolucionárias por libertação de tais amarras discriminatórias (BRANDÃO; BINGEMER, 1994, p. 81).

Com a ascensão dos movimentos sociais em defesa da mulher a ética feminina começou a ter os seus primeiros respaldos na luta pelos direitos da mulher e pela igualdade perante o homem. Vidal classifica três linhas feministas que delineiam o protagonismo da mulher na vida cívica e no campo do discurso ético. *O feminismo da igualdade*, é o da ilustração, que luta pelos direitos feministas e se identificam com o ideal da classe média e burguês. Há *o feminismo da diferença* que acentua uma posição crítica a situação tradicional da mulher e reivindica a dignidade da mulher de modo exclusivista e fora de uma relação com o gênero masculino. Por último se destaca, de modo especial na América Latina, *o feminismo de libertação*, e também os que se utiliza da análise marxista como hermenêutica da luta da mulher por libertação.

Frente a estas posturas, marcadas por diversas protagonistas na feminização da moral civil e na sua inserção no universo público dos direitos humanos, o Teólogo Redentorista Marciano Vidal (1937-), na obra *Feminismo y ética: como feminizar a moral* (2005), explana as bases preparatórias de uma nova ética feminina ou feminista. É nesse percurso que Vidal apresenta sua contribuição para a teologia moral na perspectiva da ética feminista. Este ainda carece de reflexão e espaço apropriado na moral universal. A presente pesquisa resulta na busca marciala pelo reconhecimento e valorização da ética feminina no espaço teológico. Ela tem a função de criticar a ética universal assim como de se ressignificar a partir da mesma. Sua orientação não é da construção de um tratado sobre a ética feminista, mas uma motivação e inspiração para os desafios de tal ética que deve ter como protagonista fundamental a própria mulher.

1. Os pressupostos fundamentais para a condição feminina

Não tem como fazer uma reflexão sobre a feminismo no âmbito da moral e ética teológica sem considerar os seus pressupostos fundamentais constituintes, a saber, a relação e particularidades que se fazem entre *sexo* e *gênero*. Tal relação constitui as bases

fundantes e fundamentais para a condição feminina ou o feminismo (BRANDÃO; BINGEMER, 1994, 83). É a partir de tal perspectiva que o teólogo **Marciano Vidal**, no primeiro capítulo da obra *Feminismo y ética: como feminizar a moral* explana a relação entre sexo e gênero para a compreensão da realidade da mulher. Primeiramente ele faz uma clara distinção entre os dois conceitos:

“Sob o substantivo gênero agrupam-se os aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminidade/masculinidade, reservando-se sexo para os componentes biológicos, anatômicos e para designar o intercambio sexual no mesmo”. De acordo com esta delimitação, por razão de “sexo” haverá que falar de “macho/fêmea”, enquanto que em referência ao “gênero” haverá que se falar de “masculino/feminino” (VIDAL, 2005, p. 11).

Dessa distinção se observa a peculiaridade existente na função sexual diferenciada entre o macho e a fêmea. É da base biológica que historicamente e socialmente se fundamentou o universo humano nas suas características peculiares. No tocante ao aspecto da fêmea, em termos biológicos, estase caracteriza pela fórmula cromossômica 44^a + XX, pela presença de ovário, hormônios sexuais feminino e pelo funcionamento celebra peculiar (*Ibid.*, p. 12). Essas características fisiológicas e morfológicas são os primeiros passos para se identificar e compreender a condição feminina.

Adjunto ao aspecto sexual está o aspecto genérico que ampliou a compreensão da condição humana nas categorias psicossociais. Essa nova concepção destacou uma distinção entre natureza e cultura, uma passagem do universo biológico sexual para o aspecto masculino e feminino e a desconstrução da inferioridade da mulher e relação aos homens pelo aspecto biológico (*Ibid.*, p.18). A nova concepção tem algumas vantagens para se compreender a construção social, a identidade ontológica e social dos sujeitos (raça, cultura, relacionamentos), e de modo especial, da mulher. A relação sexo-gênero serviu para expressão dualista da realidade feminina e masculina (no nível simbólico), da forma de estruturação e organização social (nível social) e da identificação genérica (nível individual) (*Ibid.*, p. 19).

Todavia, no âmbito a ética Vidal se posiciona para além de uma natureza sexual como determinação do ser mulher. Um vez que os aspectos da existência humana são mais amplos e mais profundos que as determinações biológicas. Neste sentido o aspecto antropológico da condição feminina não estar delimitado pelo aspecto biológico, mas pelo histórico e psicológico:

A nosso modo de entender, a distinção entre “diferença sexual feminina” e “ser mulher” radica na seguinte formulação verbal: “se nasce” fêmea e “se chegar” a ser mulher. O ser mulher pertence ao âmbito da história. Existe uma história no fazer-se psicologicamente mulher: o transito da biologia para a psicologia carece ao interior de um

devenir originado pela interação de sujeitos biográficos e temporais (VIDAL, 2005, p. 16-17).

Portanto, se é na relação sexo-gênero que a condição feminina se classifica, todavia é no aspecto ético que se situa a transcendência da natureza feminina. Ou seja, é no âmbito histórico-social e cultural que se classifica o feminismo (BRANDÃO; BINGEMER, p.86-94). “É precisamente neste nível de ‘mulher’ onde a ética terá que fazer sua peculiar abordagem para desmascarar e orientar as falsas e as autênticas realizações históricas (biográfica e socioculturais) da condição feminina” (VIDAL, *Op. cit.*, p.17).

2. A manipulação biológica da mulher na história da ética

Se o “ser mulher” é próprio de uma construção social, é no aspecto histórico que o *ethos* feminino sofreu vários preconceitos e manipulações, ora no nível simbólico, ora no nível social, ora no nível individual, sobre a mulher. Porém, preliminarmente, na própria concepção biológico-sexual se destaca algumas falsas verdades transpostas em categorias éticas sobre a questão da mulher. Tais categorias falseou e encobriu o *ethos* feminino. Vidal destaca, assim, os três erros biológicos transportados em categorias éticas. O primeiro foi uma concepção da “*femina est mas occasionatus*”, isto é, da mulher como um ser de acidente:

Para esta compreensão a mulher (*femina*) é um macho (*mas*) defeituoso (falido, mutilado, acidentado: *occasionatus*). Sem descartar a alusão ao simbolismo anatômico da carência de pênis [...]. A explicação de Santo Tomás é paradigmática a respeito: “considerada em relação com a natureza particular, a mulher é algo imperfeito e ocasional, [...]” (*Ibid.*, p. 27)

Tal concepção provém da tradição aristotélica da relação entre substância essencial e substância accidental. A primeira se reportava à algo imutável e completo que possuía o ser de todas as coisas, a segunda se reportava àquilo que fugia dos aspectos essenciais das coisas. Era o aspecto que variava entre os gêneros do ser. Neste sentido o referencial para concepção da mulher era o homem, se ela não possui o “sêmen” e o órgão sexual masculino, então era um “macho castrado”. Essa visão biológica preconceituosa continuou no período medieval. Por conseguinte o segundo erro biológico da perdurou da antiguidade à modernidade foi que a mulher era um ser passivo no processo generativo: “Segundo esta visão, a mãe não gera, limitando-se a receber o sêmen e a proporcionar-lhe a matéria (sangue) para o desenvolvimento do feto. Esta compreensão da geração foi recolhida por Santo Agostinho, aceita por Santo Tomás e continuada pelos moralistas postridentinos” (*Ibid.*, p. 28).

Por fim Vidal apresenta o 3º erro biológico. Trata-se de uma compreensão de que o útero era o órgão determinante de toda a constituição e característica peculiar da mulher.

A análise se dava na relação entre o desenvolvimento do corpo da mulher, da formação de seu caráter, personalidade e sensibilidade, a partir do *órgão da matriz*:

[...] transcrevemos o seguinte, como paradigmático dessa compreensão: “o aparato, pois, dos órgãos da matriz, esta prodigiosa esfera da perpetuidade da espécie, é a que determina os atributos físicos do belo sexo, a que preside a todas suas funções, a que desenvolve as modificações de seu instinto, enfim, a que e influi imperiosamente em suas paixões, gostos, apetites, ideias, propriedades e inclinações. (VIDAL, 2005, p.28)

Erres três erros se reportam a uma visão errônea ora acerca da visão filosófico-antropológica da mulher, ora a acerca dos aspectos biológicos como anatomia e fisiologia da mesma. Tal visão que perdurou na tradição se apresenta no seu caráter pré-científico moderno. Tais erros, históricos se classificam atualmente como uma visão machista e preconceituosa pela qual o *ethos* feminino passou na história.

3. A utilização do *ethos* manipulado e convencionado por lideranças e ideologias de expressão social

Outros setores, além da biologia, manipularam e falsearam a verdadeira e mais profunda compreensão do caráter ética da condição feminina. Desenvolveram uma hermenêutica parcial e ideológica da concepção feminina e da sua ética. A primeira esfera que gerou tal manipulação e prejuízo se deu no ramo específico da biologia, a saber, a ginecologia. São os ginecologistas os principais “indutores” e influenciadores da concepção ideológico-ética da mulher:

As “qualidades” que se lhe atribuem à feminidade não deixa de ser extrapolações, ainda que se pretenda ser baseada na biologia: a mulher é amorfa, instável, ambivalente, contraditória, centrípeta, endocósmica, tendente a intuição e ao pressentimento, etc. A tendência dos ginecólogos a exaltar a maternidade lhes leva a manter posturas ideologicamente conservadoras ante o trabalho da mulher [...] (*Ibid.*, p. 30)

Outro setor de manipulação foi a psicologia e também especificadamente a psicanálise. Essa nova ciência que emerge na modernidade influencia uma moralização do *ethos* feminino a partir dos dados “morfológicos e funcionais” biológicos. Na relação entre homem e mulher, a psicologia projetou condicionamentos culturais característicos do *ethos* feminino. Conforme Vidal apresenta os estudos sobre o aspecto sexual e da personalidade da mulher em comparação com a do homem se observa que: a mulher tem o órgão genital passivo, verte sua semente (reprodução) de modo desinteressado, possui mínimas modificações anatômicas no ato sexual, produz cicatrizes abdominais, muda o formato dos seios e enriquece as linhas das cadeiras, terminam sua vida sexual aos

cinquenta anos (*Ibid.*, p.33). Todos essas considerações forjou uma concepção da mulher e da sua moral marcada pela passividade, pela incompreensão, pelo desinteresse sexual e uma prerrogativa moral mais natural, com o aspecto pró-gerativo de mãe e uma maior fidelidade na relação matrimonial.

Além destas a religião cristã foi agente ativa na justificação da conversão manipuladora do *ethos* feminino (BINGEMER, Maria Clara *et al*, 1990, p.138). Na visão teológica a mulher é assumida por Santo Agostinho e Tomás de Aquino numa posição inferior à do homem. Ela faz parte dos três tempos da cosmovisão cristã, a saber, da criação, do pecado e da salvação (VIDAL, *Op. cit.*, p. 35), porém sob condição inferior. A concepção da menstruação como impureza foi outro elemento que o cristianismo herdou da tradição judaica. Isso afetou o *ethos* da mulher e sua posição na Igreja. Na concepção tradicional medieval e moderna, a mulher era considerada para os padres e clérigos religiosos como um *perigo moral* (*Ibid.*, p. 37).

As representações políticas e sociais não estiveram aquém na ideologização do *ethos* manipulado. Todavia, houve muitas ideologias feministas que forjou um utopismo feminino, “originando a impressão de que a ‘nova mulher’ será a panaceia a todas as frustrações individuais e coletivas” (*Ibid.*, p. 38). Um dos movimentos revolucionários que ideologizou tal *ethos* foi o marxismo vulgar:

Desde a ideologia do marxismo vulgar se tem projetado sobre a condição feminina um tanto mítica da “objetivação” e da “alienação”. Ao utilizar uma categoria abstrata (objetivação) e outra socio-histórica (alienação) esta ideologia tem realizado uma extrapolação no tema da mulher: a condição feminina tem perdido sua própria e peculiar hermenêutica para ser manipulada desde a hermenêutica da luta de classes. (*Ibid.*, p. 39)

4. A feminização da moral e seus efeitos na teologia

Se na história humana o *ethos* feminino passou por diversas manipulações, vale ressaltar que nos últimos tempos surgiu movimentos e posturas feministas que reconfiguraram o discurso ético e a concepção sobre o significado e atuação da mulher na sociedade. Marciano Vidal fala da “intervenção e protagonismo da mulher na produção ética” (*Ibid.*, p. 44), que fez emergir a o feminismo como posição integrante da condição feminina na ética social. Na exposição de tais posturas, ele apresenta um distinção entre dois tipos de ética, a saber, “entre a ética feminina e a ética feminista” (*Ibid.*, p. 44), sendo que as duas se relacionam, destacando a distinção de que a primeira se realiza quando ela “utiliza a hermenêutica peculiar de todo feminismo: a denúncia da “assimetria” padecida pelas mulher por sua condição feminina [...] e a reivindicação da dignidade da mulher e de seu igual direito a realização em todos os âmbitos do humano”(*Ibid.*, p. 44). Todavia, se no campo político-social e acadêmico a ética feminista não assumiu sua

maturidade, no âmbito teológica a carência é maior. É nesse sentido que Vidal propõe uma “nova ética que, incorporando a perspectiva emancipatória da mulher, seja assumida de maneira consensual por toda a humanidade dos seres racionais” (*Ibid.*, p. 48). A incorporação da mulher ao discurso ético-teológico dará lugar a uma ética teológica tanto “feminina como “feminista”. Neste sentido a proposta ética feminista marciana deve concordar com o caráter universal da ética:

Creio que, assumindo o valor da igualdade entre o homem e a mulher e respeitando a diferença feminina, a ética teológica haverá de decantar-se a favor de um feminismo radical de libertação integral, um feminismo em que a emancipação da mulher seja articulado a libertação de outras alienações e marginalizações que sofrem os seres humanos, sobretudo os mais debilitados. (*Ibid.*, p. 50)

É partindo dessa perspectiva que Vidal apresenta alguns pontos de vistas éticos sobre a mulher, com suas características peculiares, como o ponto de vista de C. Gilligan de uma ética do cuidado e uma ética da justiça, assim como a proposta de feminização dos valores morais pela feminista Sara Ruddick e Vitoria Camps moralização da ética (VIDAL, 2008, p. 95-105). Todavia, contrário a tais posturas Vidal apresenta três caminhos para uma feminização da moral, ou uma teologia ética feminista. O primeiro se reporta ao caráter da personalidade no aspecto bíblico-teológico:

“ser pessoa a imagem e semelhança de Deus comporta também existir em relação ao outro “eu”. Isto é preludio da definitiva autorevelação de Deus., Uno e Trino: unidade vivente na comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Desta sorte, a compreensão da Trindade mediante a categoria de “pessoa-em-relação” poderia ser o arquétipo da relação mulher-homem [...]. (VIDAL, *Op. cit.*, p. 83)

A categoria de pessoa coloca o *ethos* feminino numa relação de reciprocidade com o *ethos* masculino. Essa dinâmica não estagna a mulher no campo do exclusivismo utópico feminino. Neste aspecto a personalidade apreende o caráter de singularidade do feminino sem eliminar a natureza essencial de relação com o outro ser genérico, o masculino. Neste ponto a ética feminista atinge a experiência fundamental da comunhão trinitária e se destaca na valorização de sua identidade e espaço ético teológico social. A outra categoria explanada por Vidal é a da dignidade feminina com a igualdade:

A igualdade não é somente uma afirmação antropológica; deve constituir-se um reivindicação ética. A igualdade reivindicada por e para as mulheres: “é uma relação não identificativa de semelhança recíproca, que comporta autonomia, equipotência, equifonia, equivalência, interlocução e responsabilidade dos indivíduos-sujeitos atuantes em todas as relações sociais, familiares e duais”. (*Ibid.*, p.85)

A igualdade equipara o reconhecimento da ética feminina aos direitos humanos. Neste sentido ela possui uma função e dignidade moral, pessoal, social e pública, na

mesma proporção que o homem. Tais direitos estariam no campo da realidade humana: “sanidade, sexualidade e procriação, vida conjugal e familiar, educação, trabalho, economia, política, religião” (*Ibid.*, p. 86). Esse percurso básico tem como intenção um direcionamento para a ética feminina para que ela assuma o seu espaço de direito. Por último, Vidal destaca que a postura ética feminista precisa transcender o seu espaço genérico, isto é, universalizar-se em sintonia com uma ética humana;

Por minha parte, creio na necessidade e na possibilidade de articular o ponto de vista ético das mulheres em processo universal de uma ética humana. Duas razões básicas avaliam esta afirmação: Por uma parte, a teoria ética ficaria incompleta se não aceitar a crítica feminista de gênero e não a incorporasse ao processo crítico de seu discurso; a crítica feminista ausente no discurso ético, este deixaria de ser imparcial e estaria viciado na mesma raiz. [...] Por outra partem as reivindicações feministas não conseguiriam a solução desejada se não entrar pelas causas da relevância universal. Os interesses do feminismo têm que “afetar” a todos para que por todos sejam assumidos. (*Ibid.*, p.93-94)

Conclusão

A presente pesquisa conclui que a mulher na contemporaneidade precisa cada vez mais tomar consciência de sua história e do desafio ético de ser protagonista na feminização da moral universal. Se a história foi injusta com sua pessoa, essa mesma história tem uma dívida para com o feminismo.

Diante das diversas correntes sociais em defesa da mulher, a proposta de Marciano Vidal se torna relevante no cuidado entre os extremismos de diversas posturas, que invés de ressaltar a dignidade e ser da mulher, pode contribuir para o seu fechamento ou setorização. Ao mesmo tempo que não se pode ser extremista e cair no erro da utopia da supermulher, de modo semelhante não é possível falar de uma ética feminista sem a relação genérica masculino-feminino.

É nesse percurso que a proposta de Vidal pode contribuir na contemporaneidade. A ética teológica feminista atinge a profundidade de sua ontologia no seu aspecto pessoal, pois isso envolve a relação, a reciprocidade e o bem comum que é característica do feminino. Por outro lado a proposta de igualdade não se confunde com uma identidade do outro, mas pela busca e valorização dos direitos humanos. É assim a proposta de feminização da moral ganhará novo espalho social, civil, público. E um contributo para a universalização e plenificação da moral.

Mais do que delinear pressupostos de atuação do feminino, a presente pesquisa resulta na busca marcial pelo reconhecimento e valorização da ética feminina no espaço teológico. Ela tem a função de criticar a ética universal assim como de se resignificar a

partir da mesma. A orientação marciana não é da construção de um tratado sobre a ética feminista, mas uma motivação e inspiração para os desafios de tal ética que deve ter como protagonista fundamental a própria mulher.

Referências

BRANDÃO, Maria Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Mulher e relações de gênero*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BINGEMER, Maria Clara *et al.* *O Rosto feminino da teologia*. São Paulo: Santuário, 1990.

VIDAL, Marciano. *Feminismo y ética: como “feminizar” a moral*. Madri: PPC Editorial y Distribuidora, 2005.

VIDAL, Marciano. *Psicologia do Sentido Moral*. São Paulo: Santuário, 2008.